APRESENTAÇÃO

<http://dx.doi.org/10.11606/issn.2237-1184.v0i29p10-12>

Se, dada a nossa conformação histórica, compartilhamos com a América Latina tantas características culturais e políticas, o período à volta das décadas de 1960 e 70 do século XX assinala uma era de conflitos especialmente semelhantes entre nós, à volta da modernização desigual, das ditaduras e dos movimentos de resistência que se disseminaram pela região. A literatura concorreu intensamente para a reflexão sobre os destinos pessoais e coletivos que marcaram a época.

Fruto do “Simpósio América Latina entre os anos 60 e 70: novos olhares”, ocorrido em 2018, este dossiê reúne vários dos trabalhos nele apresentados. Participaram do encontro pesquisadores das áreas de literatura brasileira e hispanoamericana, assim como historiadores e críticos de arte. Para o presente número da revista *Literatura e sociedade*, conseguimos congregiar uma amostra significativa do que foi então debatido. O ponto de partida dessa iniciativa deve-se ao convite de Horst Nitschack, professor do Departamento de Literatura da Universidade do Chile, para que integrássemos projeto de pesquisa conjunto sobre as teorias culturais nos anos 60 em ambos os países, a partir do qual desenvolvemos esse evento, como parte das atividades continuadas que compõem o grupo ampliado de trabalho.

Para abrir o dossiê, o ensaio de Horst Nitschack discute as alterações radicais sofridas pela sociedade brasileira à volta da década de 60, seja do ponto de vista econômico seja do ponto de vista político. No romance *Quarup* (1967) de Antonio Callado, as expectativas utópicas de transformação social são experimentadas pelas personagens principais, que vivenciam processos de descoberta e amadurecimento em relação à realidade do país. Apesar de serem mantidos traços do romance de formação, nele os afetos se afastam das metas do mundo burguês para se identificar com o povo – entidade até então idealizada a ser objeto de desconstrução...

Mas, enquanto entre nós acontecia a reviravolta da democracia para o regime militar, aproximadamente na mesma época em Cuba desenrolava-se um processo em direção oposta. Matias Marambio comenta as controvérsias geradas pela nova situação na literatura produzida na ilha nos mesmos anos 60, através dos debates de intelectuais e escritores, entre a experimentação vanguardista e o compromisso com ideais socialistas, transcritos na representativa revista *Casa de las Américas*.

A seguir, caminhamos pela dupla face de *Os diários de Emilio Renzi* (1957-1967), de Ricardo Piglia, que nos remetem à indeterminação de fronteiras entre ficção e confissão, assim como entre história pessoal e coletiva.

A formação do jovem escritor e leitor vai se constituindo através de um alter ego tão imaginário quanto real. Desvela-se e configura-se, de modo íntimo, uma parcela do quadro geral chileno desses anos.

O ensaio de Jaime Ginzburg sobre o livro de Samuel Rawet, *Os sete sonhos* (1967), propõe a interpretação dos contos entre a vida onírica e a vigília de um escritor ainda pouco estudado. O estranhamento nas relações humanas prevalece, quando afloram impulsos de violência e desejo como ecos secretos e interditos.

Em contraste com esse mundo noturno, o projeto de construção de um país moderno, cuja confiança na racionalidade e no desenvolvimento transparece na arquitetura de Brasília, vem associado a tensões que a poesia de João Cabral de Melo Neto e a escultura de Franz Weissman revelam. Renan Nuernberger, em seu ensaio, acompanha a trajetória de ambos os artistas de modo a observar as oscilações em suas obras em um arco de tempo entre os anos 60 e 80.

Por sua vez, Jorge Manzi Cembrano aborda *Galáxias*, de Haroldo de Campos, que foi sendo escrito por mais de uma década ao longo dos anos 60 e meados dos anos 70. O autor, além de analisar alguns trechos, intenta ir além das definições sempre problemáticas dessa obra inclassificável. Para tanto, formula o conceito de “semi-abstração”, tendo em vista tendência análoga nas artes plásticas do período, as quais voltavam a se interessar pela representação figurativa sem abandonar elementos da pintura abstrata.

Já Celso Favaretto aponta para a radicalização do aspecto experimental da arte brasileira, a partir de meados da década de 60, que passa a implicar a participação política em sua composição, ora através do engajamento do seu discurso, que se torna mais crítico da situação do país, ora por meio das rupturas comportamentais que a contracultura fez eclodir. Nas variadas manifestações da Tropicália e do underground que o ensaísta examina, a centralidade do corpo como veículo da liberdade e do sensível converge para a inovação na vida.

Não menos relevante foi o desenvolvimento do teatro político, representado com destaque por Oduvaldo Vianna Filho, apelidado de Vianninha. Aqui, Maria Silvia Betti comenta o texto teatral *Papa Highirte* (1968), complexa alegoria da situação política latinoamericana, com suas contradições entre submissão ao imperialismo, arbítrio, nacionalismo... e que muito vem a calhar para a compreensão de nossos problemas atuais.

Nicanor Parra, o longevo poeta chileno conhecido pela “antipoesia”, utiliza um procedimento retórico original para denunciar os desmandos do regime militar em seu país. Encarna a figura de um místico popular, o Cristo de Elqui, homem simples que profere críticas contundentes contra a opressão. Assim João Gabriel Mostazo Lopes apresenta os livros de Parra publicados nos anos 70 e 80, os quais também predizem, profeticamente, catástrofes ecológicas.

Outro autor chileno comparece em nosso dossiê. Laura Hosiasson nos introduz à atmosfera melodramática do romance *Tengo miedo, torero* (2001), de

Pedro Lemebel, que recupera a época da ditadura dos anos 70. O autor combina o universo musical das canções populares, considerado cafona, com a paixão do protagonista, homossexual já velho, por um jovem revolucionário que prepara um atentado contra Pinochet. Ambos fracassam, no amor e na política...

Ariovaldo Vidal também retoma o clima dos anos 70, agora no Brasil, propriamente em Minas Gerais, ao adentrar a obra do escritor Luis Vilela, prosador com aspectos líricos. Seus personagens, muitos deles estudantes universitários, sentem-se deslocados ante a vida e fazem tentativas tímidas de sair do marasmo, procurando algum respiro. O artigo delinea as diversas estratégias de construção dos contos de Vilela, que variam das peripécias mais dramáticas para a sutileza do desenlace discreto.

Por fim, Carlos Moacir Vedovato Junior investiga a estrutura temporal de *Quatro-olhos* (1976), romance de Renato Pompeu. Dois momentos principais se alternam e contrastam: de um lado, o presente do cotidiano repetitivo e cíclico em um hospital psiquiátrico; de outro, a rememoração do passado do narrador e de suas aspirações juvenis, com projetos intelectuais, o casamento e a militância política da mulher – toda uma fase de esperanças de realização pessoal e revolução social nos anos anteriores ao golpe militar.

Assim, o dossiê se propõe a ser um companheiro de viagem, contribuindo para a compreensão de um período histórico dramático, cujas consequências se desdobram até os dias atuais. Nele, diferentes formas de resistência foram experimentadas: combate político, criação artística, sonho, estudo, introspecção, denúncia irônica e irada.

Viviana Bosi, organizadora deste dossiê.